

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o processo de criação da disciplina "Ensino de literaturas de línguas estrangeiras" no âmbito da reformulação dos currículos dos cursos de Letras inglês e espanhol do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros. Partindo das contribuições teórico-metodológicas de autores como Segabinazi (2011), Pinheiro-Mariz (2008), Santoro (2007), Jover-Faleiros (2019), dentre outros, o artigo traz uma problematização em torno do texto literário enquanto objeto de ensino nas aulas de línguas estrangeiras. Além disso, com vistas a contribuir com a formação docente, a pesquisa também apresenta o desenho final do novo componente curricular adotado nos cursos mencionados.

Palavras-chave: Literatura e Ensino. Licenciaturas em Letras Estrangeiras. Projetos de ensino.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the process of creating the subject "Teaching of foreign languages literatures" in the context of the reformulation of the curricula for English and Spanish Language courses at the Department of Foreign Languages at the State University of Rio Grande do Norte - Advanced Campus of Pau dos Ferros. Based on the theoretical-methodological contributions of authors such as Segabinazi (2011), Pinheiro-Mariz (2008), Santoro (2007), Jover-Faleiros (2019), among others, the article brings a problematization around the literary text as a teaching object in foreign language classes. In order to contribute to teacher training, the research also presents the final design of the new curricular component adopted in the mentioned courses.

Key words: Literature and Teaching. Degree in Foreign Letters. Teaching projects.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2400-8715>. E-mail: jveranildo@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

No Brasil, falar sobre ensino de literaturas implica reconhecer que esta é uma discussão relativamente recente. O primeiro movimento de institucionalização da referida temática na pesquisa nacional deu-se apenas em 1985, durante o I ENANPOLL, realizado na Universidade Federal do Paraná, quando foi criado o Grupo de Trabalho “Literatura e ensino”, sob a responsabilidade da Professora Suzi F. Sperber, vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

Mas se quisermos voltar a alguns anos antes, Daniela Maria Segabinazi afirma em sua tese de Doutorado que o discurso sobre o ensino de literaturas no nosso país é oficializado com a primeira Lei de Diretrizes e Bases Curriculares, nos anos 60. Contudo, “a literatura como objeto de estudo já estava presente no ensino dos jesuítas e perdurou durante todo o Brasil Colonial” (SEGABINAZI, 2011, p. 23). Segundo a pesquisadora, a metodologia adotada, nessa época, era de base humanista e se relacionava com os programas escolares vigentes em Portugal.

Além de um conjunto de reformas educacionais que vão ocorrendo no Brasil do século passado, Segabinazi (2011) lembra que o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, que, por muito tempo, foi um espelho para as Faculdades de Letras de todo o país, pois esta Instituição também oferecia a formação de nível superior em Letras, abordava o texto literário em seus cursos, ainda que “a leitura dos programas mostra a trajetória da literatura até se constituir em ensino da história literária” (SEGABINAZI, 2011, p. 25).

José Hélder Pinheiro Alves (2014) recorda que, na segunda metade do século passado, algumas pesquisas que focalizam o ensino de literatura brasileira são publicadas no país, como os estudos de Rocco, Chiappini, Aguiar e Bordini, além dos primeiros trabalhos de Pós-Graduação em nossas universidades como, por exemplo, a tese de Doutorado da Professora Maria Helena de Sousa Martins, desenvolvida na Universidade de São Paulo, entre 1981 e 1986.

As pesquisas citadas até aqui são importantes por colocar em cena a discussão sobre o ensino de literatura nas aulas de língua portuguesa. Com isso, podemos dizer que houve uma expansão crescente de investigações e de práticas de abordagem de literatura brasileira no cenário de língua materna, principalmente nos seguintes Programas de Pós-Graduação: Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (PB), Letras, da Universidade Federal da Paraíba (PB), Interdisciplinar em Linguística Aplicada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ), Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN), Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (TO), em Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará





(CE), entre outros, que contam com linhas de pesquisa, dissertações e teses defendidas em literatura e ensino.

Porém, quando consideramos o contexto de ensino de literaturas em línguas estrangeiras, não é exagero dizer que o crescimento desse domínio é tímido, ainda que tenhamos alguns trabalhos importantes para a área, a exemplo das teses de Doutorado de Cleudene de Oliveira Aragão (2006), Elisabetta Santoro (2007) e Josilene Pinheiro-Mariz (2008), que se ocupam, respectivamente, do ensino de literaturas em língua espanhola, italiana e francesa, o que demonstra que existe, no nosso país, uma diversidade de pesquisas em variadas línguas.

No entanto, se em um primeiro momento afirmamos que a discussão sobre ensino de literaturas estrangeiras no Brasil é algo, por assim dizer, recente, ao observarmos a história do ensino de línguas, notaremos que o conhecido método tradicional, também chamado de gramática-tradução, já transformava o texto literário em objeto de ensino, pois as aulas consistiam no trabalho com a gramática e a tradução de narrativas clássicas, em grego e latim.

Desse modo, neste artigo, partimos da asserção de que a literatura ainda ocupa um espaço secundário nas aulas de línguas estrangeiras. Se no contexto de língua portuguesa, ainda hoje, predomina um paradigma que pauta o ensino de literatura a partir de uma perspectiva histórica (JOVER-FALEIROS, 2019), apresentando ao aluno uma lista de escolas literárias, principais autores, obras e características, em línguas estrangeiras, muitas vezes, sequer a historicidade da literatura chega à sala de aula. Ou, quando a literatura é apresentada ao estudante de idiomas estrangeiros, as atividades propostas servem como pretexto para o ensino de língua (NASCIMENTO; TROUCHE, 2006).

Mais do que examinar as causas que levam o texto literário a ocupar um lugar secundário nas aulas de línguas estrangeiras, queremos propor soluções que ajudem a preencher essas lacunas teórico-metodológicas na formação de futuros professores de inglês e espanhol, dado que este é o nosso contexto de atuação profissional.

Nesse sentido, Marcelo Medeiros da Silva (2019) afirma que as pesquisas em literatura e ensino assumem duas perspectivas. A primeira é de caráter crítico e se ocupa dos “desacertos do ensino de literatura e as consequências para a formação de leitores” (SILVA, 2019, p. 02). A segunda perspectiva é interventiva e busca apresentar “alternativas metodológicas para a abordagem do texto literário em sala de aula ou no compartilhamento de experiências/vivências exitosas no ensino de literatura” (SILVA, 2019, p. 02).

Levando em conta o exposto pelo pesquisador, nosso artigo inscreve-se na perspectiva interventiva (SILVA, 2019) aplicada à formação de professores de inglês e espanhol, pois temos como





propósito contribuir para que futuros professores destas línguas tenham acesso a uma reflexão sobre o ensino de literaturas durante o período de formação docente.

Portanto, o objetivo geral deste artigo é tratar do processo de criação e aprovação da disciplina “Ensino de literaturas de línguas estrangeiras”, na ocasião em que os currículos dos cursos de Letras inglês e espanhol do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros foram reformados pelo Núcleo Docente Estruturante e apreciados pela Plenária Departamental.

Para cumprir o objetivo proposto, o artigo divide-se em dois momentos. Na primeira seção discutimos a literatura enquanto objeto de ensino, tentando explicar para o nosso leitor o que se espera de uma abordagem do texto literário nas aulas de línguas estrangeiras. No segundo tópico, além de relatar, brevemente, algumas impressões sobre a avaliação da nossa Plenária Departamental acerca da aprovação da disciplina “Ensino de literaturas de línguas estrangeiras”, compartilharemos o desenho da disciplina em questão, aprovada como crédito obrigatório no currículo dos cursos de Letras Estrangeiras do nosso Departamento.

2 O TEXTO LITERÁRIO ENQUANTO OBJETO DE ENSINO NAS AULAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Se no contexto de ensino de língua portuguesa percebemos uma maior atenção dos professores no trabalho com o texto literário em sala de aula, inclusive porque a temática é cobrada no Exame Nacional do Ensino Médio e está presente nos documentos prescritivos, quando tratamos da presença da literatura em aulas de línguas estrangeiras, notamos que este ainda é um tabu para alguns profissionais da área.

Uma hipótese que explica a ausência da literatura em sala de aula de idiomas se fundamenta em dois motivos básicos: i- No Brasil, é nos anos 90 que começam a retornar ao país os primeiros professores que foram aos Estados Unidos e à Europa realizar seus Doutorados nas áreas de Linguística e Ensino de línguas. Estes profissionais trazem em suas bagagens o desejo de implantar o enfoque comunicativo enquanto modelo teórico-metodológico para o ensino, principalmente, de inglês em nossas escolas (MATOS, 2013).

Em nossa opinião, o principal problema do método comunicativo está na defesa de que o ensino de línguas deve possuir uma significação funcional-comunicativa, assim como ocorre no discurso (RICHARDS; RODGERS, 2001). Isso não significa dizer que discordamos de uma abordagem de ensino que centralize o desenvolvimento da comunicação como objetivo de ensino. Estamos conscientes de que





o enfoque comunicativo aperfeiçoou a aprendizagem de línguas no Brasil. Mas, no nosso país, os fundamentos desta abordagem foram entendidos de modo literal, instituindo uma crença que prega que, se no cotidiano ninguém se comunicaria com um poema, não seria necessário levar a literatura para a sala de aula.

Crenças semelhantes à exposta anteriormente apresentam dois problemas. Primeiro não reconhece o literário como um discurso recorrente no dia a dia. Basta pensar que a literariedade encontrasse, por exemplo, em uma carta de amor que enviamos aos nossos pretendentes, substituídas, hoje, por pequenas mensagens de texto multimodais que trazem a experiência com uma linguagem fora dos padrões instituídos pela escrita uniforme. O segundo problema decorrente desta crença diz respeito à negação da literatura enquanto um direito humano (CANDIDO, 2004). É mesmo válido sustentar a ideia de que o ensino de línguas deve centrar-se exclusivamente nos gêneros discursivos? Por quais motivos excluímos o contato dos alunos com textos literários que cumprem, inclusive, uma função social para a vida cotidiana? Nesse sentido, partilhamos da seguinte reflexão:

Sabe-se que a grande importância de se estudar uma língua estrangeira (LE) reside principalmente no fato de ela ampliar, para além das fronteiras culturais e da visão de mundo, as possibilidades na vida contemporânea, no mercado de trabalho, por exemplo. Esse estudo está ligado a algo essencial na vida: propicia a descoberta de si e do outro. Por isso, estudar uma LE é um exercício de alteridade, é trilhar caminhos até então desconhecidos, é, portanto, a aventura de tornar-se outro (PINHEIRO-MARIZ, 2008, p. 17).

Outro problema que ilustra as razões pelas quais o texto literário ocupa um lugar de invisibilidade nas aulas de línguas diz respeito à formação docente. Se os nossos alunos dos cursos de formação de professores de línguas não têm acesso a uma discussão sobre o ensino de literaturas durante a sua vida acadêmica, certamente, eles não irão levar o texto literário para suas aulas, uma vez que podem se sentir inseguros para promover essa prática metodológica ou, em outros casos, sequer sabem que a literatura pode contribuir com a aprendizagem intercultural de idiomas estrangeiros, perspectiva esta defendida por Pinheiro-Mariz (2008).

Nesta conjuntura, a estrutura dos cursos de Letras no Brasil pode nos ajudar a explicar a ausência do texto literário em aulas de línguas estrangeiras. Em nossa experiência como professores formadores, não é difícil encontrarmos alunos de Letras que afirmam que não gostam de ler ou que não têm o hábito de leitura literária – alguns dados que fundamentam esta afirmação encontram-se, inclusive, discutidos em nossa dissertação de Mestrado (COSTA JUNIOR, 2017). Temos, desse modo, nas Faculdades de Letras, uma oposição formativa entre língua e literatura:





Língua e literatura são, contudo, ainda hoje, em muitas situações, domínios separados, tratadas como disciplinas separadas e, portanto, ensinadas e estudadas sem estabelecer contatos ou criar ligações. Embora unidas em nomes de cursos universitários e pronunciadas como sintagma coeso e sólido em tantas ocasiões, língua e literatura permanecem ainda, na maior parte dos casos, dois campos separados do saber e, tanto nas escolas, quanto nas universidades, uma efetiva integração até hoje ainda não se realizou (SANTORO, 2007, p. 11).

Não estamos advogando, com isso, que todas as pessoas formadas em Letras devem ser especialistas em língua e em literatura. É evidente que, por motivações pessoais e pela própria estrutura dos cursos de Pós-Graduação no Brasil atual, vislumbramos uma formação mais específica em cada campo do saber. Porém, isto não significa dizer que os profissionais formados devam dominar uma ou outra área, de forma isolada. Concordamos com a concepção de que todos os profissionais de Letras devem ter acesso a uma formação que integre efetivamente língua e literatura, o que pode permitir a entrada do texto literário nas aulas de idiomas estrangeiros, pois não haveria uma dissociação entre língua e literatura. Assim,

De fato, a língua estabelece relações, traça fronteiras, produz conceitos, transmite ideias, veicula interpretações e tudo isso é indispensável para que se faça literatura, que só pode ser realmente “descoberta” analisando e lendo em profundidade a língua que a constitui. Por outro lado, a literatura abre novos espaços, admite contradições, permite jogos, comporta ambiguidades, amplia potencialidades e tudo isso é imprescindível para entender e conhecer a língua (SANTORO, 2007, p. 11).

Além disso, é importante esclarecer o que entendemos pela ideia da literatura se constituir um objeto de ensino (JOVER-FALEIROS, 2019) em aulas de línguas estrangeiras. Especialista em literatura e ensino, Rita Jover-Faleiros (2019) sustenta que o texto literário enquanto objeto de ensino se relaciona com três áreas do saber: i- os estudos literários, suas teorias e críticas; ii- os estudos na área de educação e didática do ensino de línguas e iii- a psicolinguística cognitiva que aponta para os processos de construção de sentido no ato da leitura literária.

Dito isto, há dois pontos para os quais gostaríamos de chamar a atenção. A experiência de leitura crítica do texto literário em sala de aula deve ser o objetivo principal de uma aula que adote a literatura enquanto objeto de ensino. Por isto, Jover-Faleiros (2019) advoga que as experiências de leitura literária na escola devem se relacionar com os estudos de crítica literária. É certo que não se deve realizar, na educação básica, uma análise literária com o mesmo rigor daquelas exercitadas nos cursos de Letras, o que não significa dizer que se possa realizar uma leitura qualquer. Torna-se necessário, portanto, rigor teórico-metodológico nas análises empreendidas na sala de aula. E, aqui, retornamos a um princípio básico que deve ser discutido em toda aula introdutória de literatura: o texto literário admite muitas





leituras, mas nem todas as leituras são adequadas, porque a interpretação deste deve estar fundamentada no próprio texto literário.

O segundo ponto que gostaríamos de comentar diz respeito a um diálogo entre a área de literatura e ensino e os estudos de educação e didática. Para levar o texto literário à sala de aula de línguas estrangeiras é necessário primar por procedimentos didáticos que aproximem o literário da realidade do aluno. Entretanto é necessário ter atenção para o que chamamos de excesso de didatização.

Em nossa experiência enquanto pesquisadores de literatura e ensino, percebemos uma preocupação acentuada dos professores em criar atividades de verificação de leitura literária, a exemplo de fichamentos, resumos, questionários e atividades de escrita, como também notamos, em muitas abordagens, o excesso de elementos pré-textuais como atividades de aproximação ao literário como, por exemplo, filmes, fotos, histórias, músicas etc. Por consequência, o trabalho com o texto literário vai ocupando um segundo plano, pois haveria uma superabundância de didatização e um distanciamento do texto literário propriamente dito. Em razão dessas práticas, na maioria das vezes, o texto literário não tem o devido protagonismo que poderia alcançar nas aulas de língua estrangeira.

É importante salientar que a simples leitura enquanto atividade que nos permite questionar quem somos e repensar o mundo, enquanto exercício de fruição e de deleite, já cumpre com os objetivos esperados para o ensino de literaturas, uma vez que toda aula que tenha a ficção enquanto objeto de ensino deve ter como propósito maior a formação leitora (SILVA, 2019). A este respeito, Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (2012), em um texto sobre a abordagem da literatura no estágio curricular do curso de Letras, afirma:

Ensinar a ensinar literatura não ocorre apenas quando se orienta academicamente os alunos, quando se lê com eles, mas também quando se valoriza sua formação, seu modo de ler, de ver e de estar no mundo. Ensinar a ensinar literatura significa comparar leituras, articular a relação dos alunos-estagiários com a escola de educação básica, oferecer a eles a oportunidade de criar novas leituras, novos textos. Cuidar para a ampliação de referências culturais e estéticas. Para isso é preciso fazer das aulas de literatura um espaço de formação do leitor e de formação do professor de literatura (GUIMARÃES, 2012, p. 287).

Não existe, obviamente, uma receita que nos possibilite dizer como o texto literário deve ser abordado em sala de aula. No entanto, partimos da hipótese de que toda e qualquer aula que tenha como suporte o texto literário deve valorizar a formação leitora dos nossos alunos – que, desde esta perspectiva, não são vistos apenas como alunos, mas como cidadãos que, sob nossa orientação, podem realizar uma leitura do mundo a partir da interpretação de um texto literário.

Portanto, toda perspectiva que aborde o texto literário como suporte para a aprendizagem de questões gramaticais ou toda aula que se preocupe mais com a produção de uma atividade escrita e não





com uma experimentação que aproxime o literário da esfera da vida parece estar fadada a repetir um paradigma que, ao reduzir as potencialidades de trabalho com o literário, transforma o texto em pretexto para desenvolver outras habilidades, pois a literatura tem sido suporte para a aprendizagem mecânica da língua ou de aspectos da historiografia literária nacional, desde uma ótica tradicional.

3 A CRIAÇÃO DA DISCIPLINA “ENSINO DE LITERATURAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NOS CURSOS DE LETRAS INGLÊS E ESPANHOL DA UERN

Obedecendo às recomendações do Ministério de Educação, do Conselho Estadual de Educação e da Pró-reitoria de Ensino de Graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o Núcleo Docente Estruturante² do Departamento de Letras Estrangeiras, entre 2019 e 2020, trabalhou na atualização dos dois cursos de licenciatura em Letras: inglês e espanhol do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros.

Ao percebermos que existe uma lacuna formativa nos cursos de Letras Estrangeiras da UERN, em relação ao ensino de literatura de línguas estrangeiras, atestada pela dissertação de Mestrado de Marta Jussara Frutuoso da Silva (2016), por exemplo, que analisa o projeto pedagógico do curso de Letras – Língua Espanhola da UERN e mostra a invisibilidade do ensino de literatura nas ementas das disciplinas do nosso curso, sugerimos a criação de um componente curricular que se debruçasse sobre as questões de ensino de literaturas em línguas estrangeiras.

Além disso, o curso de Letras – Língua Espanhola, do *Campus* Central da UERN, em Mossoró, também inseriu a presença do ensino de literaturas na mais recente reformulação curricular. Em um artigo publicado pela professora Regiane Santos Cabral de Paiva (2019), defende-se a inclusão da discussão sobre literatura e ensino nas disciplinas de Metodologia I e II.

Desse modo, em Metodologia I, cuja ementa preconiza: “Estudo teórico e prático sobre as principais abordagens para o ensino de línguas, aplicadas ao ensino de Língua espanhola” (PAIVA, 2019, p. 151), o debate sobre ensino de literaturas aparece apenas nos conteúdos programáticos da Unidade II, sugeridos pela autora, quando se discute “as novas perspectivas de ensino da gramática e para o trabalho com o texto literário para além de um pretexto de ensino das estruturas da língua” (PAIVA, 2019, p. 152).

Em Metodologia II, a ementa versa sobre “Didática da língua espanhola. Análise, seleção, adaptação e produção de material didático para o ensino da língua espanhola” (PAIVA, 2019, p. 154) e a

² Agradeço, especialmente, aos colegas do Núcleo Docente Estruturante dos cursos de Letras (inglês e espanhol) do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE/CAPF/UERN) pelo diálogo produtivo que resultou na criação da disciplina “Ensino de literaturas de línguas estrangeiras”.





temática do ensino de literaturas aparece sugerida nos conteúdos programáticos da Unidade II, ao problematizar o “emprego do texto literário nas aulas de espanhol como exemplo de material didático” (PAIVA, 2019, p. 152).

Ao analisarmos a proposta de Paiva (2019), acreditamos que as disciplinas, de um modo geral, cumprem o que se espera para conteúdos que devam ser ministrados nos componentes curriculares Metodologia I e II. Na primeira ementa, a problematização pensa as abordagens de ensino de línguas. Os conteúdos programáticos trazem uma preocupação em mostrar para o aluno que a literatura não pode ser um pretexto para o ensino de línguas. Destaca-se, então, uma discussão de base teórica, o que não implica, necessariamente, reflexão metodológica.

Em seguida, temos a disciplina Metodologia II que, assim como em Metodologia I, não cita o ensino de literaturas de línguas estrangeiras na sua ementa. Os conteúdos da disciplina Metodologia II reduzem o texto literário a um tipo de material didático. A autora, portanto, simplifica a experiência literária a um exemplo de produto didático – ao mesmo tempo, esquece que o texto literário não é produzido para fins pedagógicos, mas sim para a leitura literária, embora possa ser pedagogicamente utilizado para fins de escolarização.

Considerando o exposto por Paiva (2019), em nossa avaliação, embora as disciplinas de Metodologia I e II atendam os conteúdos mínimos que devam ser ministrados nesses componentes curriculares, no que diz respeito ao ensino de literaturas, a proposta é falha por dois motivos básicos: i. reduz o texto literário a uma espécie de material didático e ii. impossibilita que os estudantes tenham contato com uma disciplina específica sobre educação literária, pois o componente criado não trata exclusivamente do ensino de literaturas de línguas estrangeiras, mas sobre metodologia de ensino de línguas.

Tendo em vista estas observações, propusemos³ uma disciplina específica sobre literatura e ensino por entendermos que é necessário um espaço particular para a discussão sobre ensino de literaturas nos cursos de Letras, diferentemente de Paiva (2019), que insere esta área nos componentes curriculares de Metodologia I e II.

Durante as discussões entre os membros do Núcleo Docente Estruturante, em função da estrutura do Departamento de Letras Estrangeiras e de questões burocráticas, decidiu-se que o componente seria intitulado “Ensino de literaturas de línguas estrangeiras”, com códigos de identificação individuais e carga-horária de 60 horas. Quando ofertada para o curso de inglês, a disciplina focalizará no

³ Apenas para os cursos de Letras Estrangeiras do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros, da UERN.





ensino de literaturas de língua inglesa. Quando ofertada para o curso de espanhol, o componente terá como eixo o ensino de literaturas de língua espanhola.

É importante ressaltar que, quando apreciada pela Plenária Departamental, a disciplina supracitada obteve pouca resistência em relação à sua aprovação, o que pode ser comprovado pelo fato de que o referido componente curricular foi aprovado pelo colegiado, sem votos contrários. Mesmo assim, as discussões mostraram que havia dúvidas de alguns professores que não trabalham com ensino de literatura sobre a temática – o que é natural neste processo de discussão.

Naquele momento, poderíamos dividir o Departamento em três grandes grupos. Tivemos os professores das línguas estrangeiras (inglês e espanhol) que apoiaram e defenderam a importância do debate sobre o ensino de literaturas nos idiomas estrangeiros. Um único professor desse grupo questionou, em tom de dúvida, se “nós formamos professores de literatura”. O segundo grupo corresponde aos docentes da Linguística e da Linguística Aplicada que, embora não trabalhem com os componentes curriculares específicos das línguas estrangeiras, reconheceram e apoiaram a importância do ensino de literaturas estrangeiras. O terceiro grupo é composto pelos críticos literários, os quais apontaram que a inserção da disciplina supracitada contribuiria com a melhoria das práticas de ensino de literatura na educação básica, além de aproximar o texto literário da escola e da formação de leitores. Um único professor questionou, de forma construtiva, se era possível ensinar literatura.

Diferentemente do que ocorreu em nosso departamento, a recepção ao ensino de literatura, em outros contextos, pode apresentar debates e momentos de tensão. Desse modo:

Entre os que não creem na eficácia de tal abordagem (*literatura e ensino*), existem tanto linguistas quanto críticos literários. Para alguns linguistas, a dificuldade da maioria dos alunos em compreender o texto literário na sua totalidade decorreria do fato de ele ser o resultado de um manejo complexo da língua pelo escritor, o que ocorre principalmente com os clássicos. Já alguns especialistas nos estudos literários, ao considerarem a literatura como a melhor forma de manifestação da língua, tendem a vê-la como uma expressão sacra, enquanto a língua seria a manifestação profana (PINHEIRO-MARIZ, 2008, p. 18 *grifos nossos*).

A citação acima, na qual a estudiosa mostra um campo de resistência entre linguistas e críticos literários acerca do ensino de literaturas, parece ilustrar discursos semelhantes ao do professor do nosso departamento, sobre se é possível ensinar literatura. Após o debate, o docente disse que não trabalhava com ensino de literaturas e não teve acesso a essa discussão na sua formação acadêmica, mas que votaria favorável em função da atualidade do componente curricular.

Contudo, de modo geral, notamos que alguns professores (principalmente os de literatura) ainda reproduzem uma forte tradição historicista e estruturalista, em que o ensino e a formação de leitores de





literatura não desfrutam de prestígio acadêmico, já que alguns podem acreditar que pensar o ensino não é fazer pesquisa.

Como dito anteriormente, o texto literário propicia muitas leituras, mas nem todas as leituras são tampouco adequadas. Isso significa reconhecer que, ao ler uma obra literária, é necessário lançar mão de um conjunto de métodos interpretativos que nos possibilitem chegar a uma leitura coerente e fundamentada na/e pela própria literatura. Se não fosse dessa forma, toda e qualquer interpretação sobre a literatura seria aceita.

E aqui reside uma chave de leitura que nos permite fundamentar a relevância de uma disciplina sobre literatura e ensino em línguas estrangeiras. Do texto literário emanam muitas experiências de leitura. Por isso, é impossível ensinar ao aluno uma única forma de ler (e de sentir) o literário. Cada um de nós mobiliza um conjunto de sentimentos quando lemos literatura. O modo pelo qual enxergamos o mundo também resulta em diversas leituras do literário. Mesmo correndo o risco da repetição, ressaltamos que não se pode ensinar uma única forma de ler literatura. Mas se pode ensinar o aluno a interpretar o texto literário, já que nem todas as leituras são válidas.

Portanto, ao acreditar que os alunos da educação básica devem ter acesso à literatura enquanto um direito humano (CANDIDO, 2004) na sua formação escolar e cidadã, e por defendermos a urgência em ensinar os nossos alunos a interpretarem uma obra literária e a serem leitores proficientes, elaboramos a disciplina "Ensino de literaturas de línguas estrangeiras", socializada a seguir:

Quadro 1: Referências para a disciplina 'Ensino de literaturas de línguas estrangeiras'

Título da disciplina: ENSINO DE LITERATURAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
Ementa: Discussões teórico-metodológicas sobre as contribuições do texto literário para o ensino de línguas estrangeiras. Formação de leitores de literaturas em línguas estrangeiras. Sequências didáticas para o ensino de literaturas em línguas estrangeiras.
REFERÊNCIAS BÁSICAS
ANDRADE JUNIOR, A. F. de. Letramento literário e formação de professores de língua estrangeira. <i>Entreletras: Revista do Curso de Mestrado de Língua e Literatura da UFT. Araguaína</i> , v. 3, n. 1, p. 79-90, 2011. BRAIT, B. Língua e literatura: uma falsa dicotomia. <i>Revista ANPOLL. São Paulo</i> , v. 1, n. 8, p. 186-206, 2000. BRAIT, B. Língua e literatura: saber com sabor. <i>Estudos Linguísticos. São Paulo</i> , v. 39, n. 3, p. 724-735, 2010. COSSON, R. <i>Letramento Literário: teoria e prática</i> . São Paulo: Contexto, 2006. DALVI, M. A. S; REZENDE, N. L. de; FALEIROS-JOVER, R. <i>Leitura de literatura na escola</i> . São Paulo: Parábola, 2013. JOVER-FALEIROS, R. O que se ensina quando se ensina literatura? Considerações sobre a constituição de um objeto. <i>Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília</i> , v. 2, n. 57, p. 1-10, 2019.
COMPLEMENTARES PARA LÍNGUA INGLESA





CORCHS, M. O uso de textos literários no ensino de língua inglesa. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. UECE: Fortaleza, 2006.

FESTINO, C. G. The importance of the literary text in the teaching of English as an international language. Revista Todas as Letras, 2011.

SIVASUBRAMANIAM, S. Promoting the prevalence of literature in the practice of foreign and second language education: issues and insights. The Asian EFL Journal Quarterly, 2006.

COMPLEMENTARES PARA LÍNGUA ESPANHOLA

MILREU, I; CLIMACO, A. O; ORTEGA, R, S. Ensino de Literaturas Hispânicas: reflexões, propostas e relatos. Campina Grande: EDUFCG, 2018.

NASCIMENTO, M. B. B. do; TROUCHE, A. L. G. Literatura y Enseñanza. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

PARAQUET, M. O texto literário hispano-americano e o ensino de base intercultural. In: MILREU, I; RODRIGUES, M. C. (org.). Ensino de Língua e Literatura: políticas, práticas e projetos. Campina Grande: Bagagem/UFCG, 2012.

Fonte: elaboração própria

A disciplina “Ensino de literaturas de línguas estrangeiras” apresenta referências básicas e complementares para língua inglesa e espanhola. Através da ementa, o professor deverá fomentar reflexões teórico-metodológicas sobre as contribuições da literatura para o ensino de língua inglesa ou espanhola. Haverá também uma problematização sobre formação de leitores de literaturas, tendo em vista que este é um dos objetivos do ensino de literaturas e, por fim, os alunos poderão desenvolver ou avaliar sequências didáticas voltadas para o ensino de literaturas em línguas estrangeiras.

No entanto, é importante dizer que as referências citadas ainda não são as ideais. Acreditamos que deveria haver uma disciplina intitulada “Ensino de literaturas de língua espanhola” e outro componente nomeado “Ensino de literaturas de língua inglesa”, contendo apenas referências específicas dessas línguas. Porém, fez-se necessário considerar a estrutura do departamento e a formação do corpo docente.

No curso de inglês, por exemplo, embora tenhamos professores especialistas em língua e literaturas inglesas, apenas um docente manifestou interesse em ministrar aulas nessa disciplina, sendo que os demais professores argumentaram que prefeririam disciplinas teóricas de literatura, pois esta discussão não fazia parte da formação acadêmica desses docentes. No curso de espanhol, três professores têm experiência comprovada neste domínio do saber. Em relação aos professores que atualmente ministram aulas de Teoria da Literatura (docentes que não são, necessariamente, formados em Línguas Estrangeiras, mas em Letras - Português, principalmente) notamos uma maior receptividade em torno dessa disciplina tendo, inclusive, uma professora que comprova experiência de ensino e orientação de





pesquisa nesta área. Outro docente disse ter substancial interesse em oferecer a disciplina, quando possível.

Sendo assim, optamos por uma disciplina que pudesse ser ministrada por qualquer professor do departamento que demonstre interesse na área, respeitando a ementa e aproximando a discussão da formação dos alunos: seja no contexto do inglês, seja no espanhol. Outrossim, cabe, todavia, dizer que a aprovação dessa disciplina é uma conquista imensurável para os cursos de Letras Estrangeiras da UERN. Se alguns dos nossos atuais professores afirmam que não tiveram acesso a essa formação na sua caminhada acadêmica, os nossos alunos, por sua vez, não terão essa lacuna formativa em suas vidas acadêmico-profissionais.

4 CONCLUSÕES

Neste artigo, propusemos uma discussão sobre literatura e ensino de línguas estrangeiras, tendo como objetivo problematizar o literário enquanto objeto de ensino, além de socializar com a comunidade acadêmica e professores o novo componente curricular, intitulado “Ensino de literaturas de línguas estrangeiras”, adotado nos cursos de Letras inglês e espanhol do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros.

Para tanto, em um primeiro momento, decidimos discorrer sobre o que se entende quando se menciona que a literatura pode se transformar em um objeto de ensino de línguas. Com essa discussão, queremos enfatizar que a função do ensino de literaturas se relaciona com a formação leitora.

Além disso, é importante dizer que, em sala de aula, a literatura não pode ser vista como um pretexto para exemplificar questões gramaticais. A leitura literária deve promover uma aproximação do estudante com a vida social, cabendo ao professor incentivar uma reflexão crítica do mundo em que vivemos através do texto ficcional.

No segundo momento do artigo, fizemos algumas reflexões sobre o processo de criação, avaliação e aprovação da disciplina “Ensino de literaturas de línguas estrangeiras”, incluída no novo currículo dos cursos de Letras inglês e espanhol do Departamento de Letras Estrangeiras onde estamos, atualmente, trabalhando. Com vistas a reduzir uma lacuna metodológica sobre o ensino de literaturas de línguas estrangeiras na UERN, propusemos a disciplina e decidimos socializar o desenho metodológico com a comunidade acadêmica, pesquisadores, professores e estudantes, mediante a publicação deste artigo.

Por fim, esperamos que, nos próximos anos, à medida que a disciplina venha a ser cursada pelos nossos futuros professores, consigamos perceber um panorama mais animador em relação à presença do





texto literário na escola, bem como no que diz respeito às metodologias empregadas pelos professores formados em nossos cursos.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. H. P (org.). **Memórias da Borborema 4**: discutindo a literatura e o seu ensino. Campina Grande: ABRALIC, 2014.

ARAGÃO, C. O. **Todos maestros todos aprendices**: la literatura en la formación de profesores de E/LE tratada como objeto de estudio, recurso para la enseñanza y formadora de lectores. Diagnóstico y propuesta de innovación en la Universidade Estadual do Ceará – Brasil. 2016. 552 f. Tese. (Doutorado em Filología Hispánica) - Universitat de Barcelona, Barcelona, 2006.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas cidades; Ouro sobre azul, 2004.

COSTA JUNIOR, J. V. L. **Lembrar para não esquecer**: memória, história e ficção em aula de língua espanhola. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

GUIMARÃES, R. B. J. O estágio curricular no curso de Letras: o desafio de ensinar a ensinar literatura. In: MILREU, I; RODRIGUES, M. C. (org.). **Ensino de língua e literatura**: políticas, práticas e projetos. Campina Grande, Bagagem, 2012. p. 273-288.

JOVER-FALEIROS, R. O que se ensina quando se ensina literatura? Considerações sobre a constituição de um objeto. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, v. 2, n. 57, p. 1-10, 2019.

MARTINS, M. H. de S. **Crônica de uma utopia**: leitura e literatura infantil em trânsito. 1986. 230 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

MATOS, D. C. V. S. A linguística aplicada no Brasil e as pesquisas em língua espanhola. **Revista Inventário**, Salvador, v. 2, n. 12, p. 1-11, jan./jul. 2013.

NASCIMENTO, M. B. do; TROUCHE, A. L. G. **Literatura y enseñanza**. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006.

PAIVA, R. S. C. de. Discussão do texto literário como ferramenta de ensino de E/LE em disciplinas do curso de Letras-Espanhol: propostas de componente curricular. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 8, n. 3, p. 140-156, set./dez. 2019.

PINHEIRO-MARIZ, J. **O texto literário em aula de FLE**. 2008. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RICHARDS, J. C; RODGERS, T. S. **Approaches and methods in language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.





SANTORO, E. **Da indissociabilidade entre o ensino de língua e de literatura:** uma proposta para o ensino do italiano como língua estrangeira. 2016. 355 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SEGABINAZI, D. M. **Educação literária e a formação docente:** encontros e desencontros do ensino de literatura na escola e na Universidade do Século XXI. 2011. 342 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, M. M. da. Uma estranha na sala de aula: interculturalidade, letramento literário e ensino. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, v. 2, n. 57, p. 1-13, 2019.

SILVA, M. J. F. da. **Texto literário em língua espanhola no contexto acadêmico:** reflexos da formação docente. 2016. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2016.

Artigo recebido em: 25/03/2020

Artigo aprovado em: 20/05/2020

Artigo publicado em: 19/06/2020

COMO CITAR

COSTA JUNIOR, J. V. L. da. Reflexões sobre a criação da disciplina "Ensino de literaturas de línguas estrangeiras" nos cursos de Letras da UERN. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-15, e02006, 2020.

